

## A DIVERSIDADE SEXUAL NOS SERVIÇOS DE SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Antonio Rodrigues Sobrinho Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

O termo diversidade sexual é empregado para designar as várias formas de expressão da sexualidade humana. Assunto que desperta interesse das mais diversas áreas de pesquisa, mas que apesar do avanço científico, tecnológico e social dos últimos anos, continua sendo um tema carregado de mitos e falta de conhecimento. É questão que vem acompanhada de contradições e tabus, fazendo com que aqueles que não se encaixam nos seus papéis sociais previamente estabelecidos sofram de preconceito e repressão. A abordagem desses aspectos na prestação da atenção à saúde coletiva e individual é um diferencial, na medida em que resgata dimensões sociais e subjetivas da vida humana. Tal estudo trata-se de uma revisão sistemática da literatura acerca da diversidade sexual. Para identificação dos trabalhos realizou-se uma busca on-line na base de dados da Scientific Eletronic Library Online. Foram identificados noventa estudos. Após análise, dez artigos se adequavam aos critérios de inclusão e fizeram parte da amostra. Estes trazem quase sempre referências históricas sobre a formação cultural de gênero e o debate sobre a sexualidade. Outro traço comumente abordado é a divisão do trabalho. Quando da relação entre profissionais e usuários dos serviços de saúde, os artigos encontrados revelam falta de interação. Observa-se que existem poucos artigos publicados sobre o tema. A grande parte traz considerações sobre a necessidade de abordar a sexualidade para além dos aspectos biológicos, porém a maioria deles apresentam mais ideias do que propostas concretas para que tais mudanças aconteçam. **Palavras-chave:** Diversidade sexual, Serviços de saúde, Políticas públicas.

### INTRODUÇÃO

O termo diversidade sexual é empregado para designar as várias formas de expressão da sexualidade humana. Tema que vem despertando o interesse das mais diversas áreas de pesquisa. De acordo com Costa e Coelho (2011), o assunto ganha grande visibilidade a partir dos estudos de Freud, através da psicologia e da psicanálise, e com Foucault, nas ciências humanas; enquanto na saúde, o tema vem sendo abordado principalmente por sexólogos, marcado apenas, ou principalmente, pelo aspecto biológico.

Construídos socialmente de acordo com os costumes e com a cultura de uma determinada época, homens e mulheres crescem sob determinados padrões de sexualidade e gênero preestabelecidos pela sociedade. Aqueles que fogem ao modelo adotado podem sofrer preconceitos e repressão. Assim como a luta feminina, a campanha a favor dos direitos da comunidade LGBT vem ganhando espaço e atenção na sociedade e nos serviços de saúde.

---

<sup>1</sup> Instituto Unicoimbra

Entretanto, apesar do avanço científico, tecnológico e social dos últimos anos, percebe-se que a evolução não acontece uniformemente, sendo a diversidade sexual um tema carregado de mitos e falta de conhecimento para muitos. É assunto que vem acompanhado de contradições e tabus. Como corrobora Mandú (2004), sexualidade é um tema ainda muito reprimido pela nossa sociedade e a repressão, desde a infância, acarreta sucessivos problemas que provocam desajustes no nosso desenvolvimento e comportamento sexual. Assim, a abordagem desses aspectos na prestação da atenção à saúde coletiva e individual é um diferencial, na medida em que resgata dimensões sociais e subjetivas da vida humana.

Desse modo, a ação do profissional de saúde na consulta à saúde sexual deve contemplar, o mais amplamente possível, aspectos biológicos, sociais, subjetivos e de comunicação pertinentes às experiências sexuais, à auto percepção corporal, às trocas afetivas e relacionais humanas significativas, lidando com vulnerabilidades, potenciais e necessidades (GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000).

Tendo em vista as dificuldades encontradas em falar sobre sexualidade em rodas de conversa com a comunidade de pessoas Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais em casa e nos ambientes de saúde, como as Unidades Básicas de Saúde da Família (PSF) e Estratégias de Saúde da Família (ESF) no município de Cajazeiras, interior paraibano, essa revisão sistemática justifica-se pela necessidade de reconhecer o que vem sendo estudado e publicado na tentativa de desconstruir estereótipos, de trazer visibilidade a essa comunidade e garantir acesso aos direitos propostos na constituição de 1988 e nos avanços e conquistas no tocante a legislações estaduais e municipais, fruto de luta, luta essa vivenciada até os dias de hoje. Nesse caso mais especificamente, o acesso e permanência aos serviços de saúde, numa dimensão não apenas biológica, mas social também dando suporte as necessidades dessa população.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura acerca da diversidade sexual e como esta estaria inserida na prestação de cuidados à saúde em UBS e ESF. Esta modalidade de pesquisa viabiliza a análise de pesquisas científicas de modo sistemático e amplo, favorecendo a caracterização e divulgação do conhecimento produzido em artigos científicos. Para a construção desta revisão foi trilhado o percurso metodológico subdividido em quatro fases.

A primeira fase refere-se à formulação da questão da pesquisa, no caso, quais as temáticas abordadas em publicações disseminadas em periódicos na área da Saúde, no período de 2000 a 2013, referentes à diversidade sexual. Diante deste questionamento, partiu-se para a segunda fase: a seleção dos estudos.

Para identificação destes realizou-se uma busca on-line na base de dados da Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e outros sites que disponibilizasse em sua base de dados artigos relacionados a temática diversidade em espaços de saúde. Para a localização dos artigos foram utilizados os seguintes descritores: diversidade sexual, sexualidade e saúde.

Para a seleção das publicações inseridas neste artigo foram formulados os seguintes critérios de inclusão: terem sido publicadas na modalidade artigo científico (original ou revisão) com resumos disponíveis na base de dados selecionada; publicadas no período compreendido entre 2000 e 2013; disponíveis na íntegra com idioma em português; apresentarem contextualização acerca da temática diversidade sexual.

Foram identificados no total 90 estudos na base de dados da pesquisa. Após uma análise minuciosa buscando compreender por meio do resumo os que enquadravam-se e poderiam ser usados para aporte teórico deste artigo, apenas 10 artigos se adequavam aos critérios de inclusão e fizeram parte da literatura da amostra.

Foi então elaborado um instrumento de coleta de dados, preenchido para cada artigo da amostra final, contendo as seguintes variáveis: título dos artigos, autores, ano de publicação, base de dados, nome do periódico, modalidade da pesquisa, objetivos e principais resultados. Os dados evidenciados na análise foram discutidos à luz da literatura e apresentados de forma descritiva, a fim de possibilitar a aplicabilidade desta revisão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO ACERCA DA PESQUISA

Os resultados obtidos são visualizados na Tabela 1, na qual são identificados autores, títulos dos artigos e ano de publicação dos mesmos de acordo com a base de dados do Scielo.

**Tabela 1. Relação dos artigos identificados na pesquisa.**

	AUTOR/A	TÍTULO	ANO
--	---------	--------	-----

01	GIR, E.; NOGUEIRA, M.S.; PELÁ, N.T.R.	Sexualidade humana na formação do enfermeiro	2000
02	Edir Nei Teixeira Mandú	Consulta de enfermagem na promoção da saúde	2004
03	Tatiana Lionço	Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios.	2013
04	ARAÚJO, Dagma Cristina de; OLIVEIRA, Elaine Ferreira.	A concepção dos homossexuais e bissexuais sobre o atendimento em unidades de saúde em uma cidade do estado de Goiás.	2011
05	Guilherme Gomes Ferreira; Beatriz Gershenson Aginsky	Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas	
06	Lucia Helena Rodrigues	Sexualidade: revisão integrativa de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Enfermagem e na Revista Brasileira de Enfermagem	2011
07	Costa; Edméia Coelho de Almeida Coelho.	Homens adolescentes e vida sexual heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual	2007
08			2011

	Ana Luiza Vilela Borges; Néia Schor.	Trabalho, gênero e diversidade sexual: Múltiplas contribuições por uma abordagem plural	
09	Maria Ester de Freitas e Marcelo Dantas	Discursos sobre sexualidade em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários	2012
10	José Luis Felicio Carvalho	Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios.	2014

Os artigos pesquisados trazem quase sempre referências históricas sobre a formação cultural de gênero e o debate sobre a sexualidade. Os artigos concordam que os movimentos ditos “desviantes” (COSTA E COELHO, 2011) por não seguirem as normas sociais, como o feminista e LGBT, foram marcos que permitiram uma maior abertura nessa discussão. Para Ferreira e Aginsky (2013), os movimentos sociais são uma forma de enfrentamento das contradições sociais que se expressam em reações coletivas a algo que se apresenta como bloqueio ou afronta ao interesse e às necessidades coletivas de determinado grupo social.

Outro assunto abordado nos artigos foi a divisão do trabalho entre as classes de diversidade sexual. Freitas e Dantas (2012) discute a dificuldade histórica das mulheres no mercado de trabalho, e debate sobre a inclusão e “reconfiguração da sociedade”, mesmo que lenta, que faz com que homens assumam cargos outrora tratados como femininos e as mulheres assumam cargos ditos masculinos. Além disso, o artigo traz uma discussão sobre a determinação profissional socialmente imposta para gays, apontando profissões nas quais eles podem atuar; ponto abordado também no artigo de Carvalho (2011), que mostra o mesmo ponto de vista. Ainda segundo Freitas e Dantas (2012), essa imposição de profissões limita a capacidade intelectual do indivíduo, sendo assim, o estigma social acaba por limitar a capacidade técnica e intelectual do indivíduo homossexual apenas por sua condição, excluindo-o de núcleos profissionais outros que o contratariam caso não fosse homossexual.

Quando se fala da relação entre profissionais e usuários dos serviços de saúde, os artigos encontrados revelam uma falta de interação apontada por Monteiro et al (2014) como falha na formação acadêmica, resultante do modelo biologicista que ainda é a realidade nos cursos de saúde pelo país. Além disso, Costa e Coelho (2011) trazem que as relações de poder aumentam o distanciamento entre os personagens dessa relação. Essas relações de poder estariam marcadas por duas perspectivas que se contrapõem: a perspectiva racionalizadora e científica, representada pela medicina, e a dimensão interpessoal, que não dispensa uma lógica científica, mas que se baseia em relação solidária afetiva, representada pela Enfermagem. Nesses termos, fica claro que a aproximação entre enfermeiro e paciente é facilitada a partir do momento que o profissional se permite usar sua subjetividade na hora do atendimento.

Os trabalhos ainda abordam as conquistas que os movimentos sociais conseguiram com sua luta. Ferreira e Aginsky (2013) apontam, entre elas, a retirada da homossexualidade do Cadastro Internacional de Doenças (CID), o direito à união homoafetiva estável, a cirurgia de transgenitalização pelo SUS, a criação da Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual, na câmara dos deputados, composta de 60 deputados/as e 8 senadores/as e o Programa Brasil Sem Homofobia, do Ministério da Justiça.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A diversidade é uma de nossas maiores riquezas. Foi ela que possibilitou à espécie experimentar-se de infinitas formas pela longa e difícil jornada da evolução. A diversidade biológico-cultural, ao contrário das teorias que defendem pureza racial e coisas do tipo, é que pode nos oferecer mais e melhores possibilidades de aperfeiçoamento. Se obedecêssemos todos, automaticamente, a um só modo de ser e compreender a vida, nossos horizontes evolutivos seriam bem mais limitados.

A maioria das sociedades atuais, porém, rejeita a natureza diversa da sexualidade de nossa espécie. Aliás, elas não só rejeitam como estabelecem um padrão de normalidade e punem quem não obedece a ele. Foi assim, tentando padronizar artificialmente o que por natureza é amplo e diverso, que essas sociedades construíram uma triste história de intolerância, preconceito e violência, não apenas contra quem não se enquadra no padrão, mas contra a própria espécie humana.

Através dessa revisão, observamos que existem poucos artigos publicados sobre o tema diversidade sexual, onde a grande parte dos trabalhos, em maior ou menor grau, traz

considerações sobre a necessidade de abordar a sexualidade para além dos aspectos biológicos, tanto nas escolas quanto nas instituições de saúde. Porém a maioria deles apresentam mais ideias do que propostas concretas para que tais mudanças aconteçam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Luis Felicio. Trabalho, gênero e diversidade sexual: múltiplas contribuições por uma abordagem plural. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 18, n. 59, p. 747-751, Dez. 2011.

COSTA, Lucia Helena Rodrigues; COELHO, Edméia Coelho de Almeida. Enfermagem e sexualidade: revisão integrativa de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Enfermagem e na Revista Brasileira de Enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 3, p. 631-639, Junho 2011.

FERREIRA, G. G.; AGUINSKY, B. G. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 223-232, jul./dez. 2013.

FREITAS, M.; DANTAS, M. (Org.). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GIR, E.; NOGUEIRA, M.S.; PELÁ, N.T.R. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 33-40, Abril 2000.

MANDU, Edir Nei Teixeira. Consulta de enfermagem na promoção da saúde sexual. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 57, n. 6, p. 729-732, Dez. 2004.

MONTEIRO, Simone Souza et al. Discursos sobre sexualidade em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 137-146, Jan. 2014.